

# HERMENÊUTICA DO TRÁGICO DA AÇÃO

*Herméneutique du Tragique de L'action*

Aluízio Oliveira de Souza<sup>1</sup> (UFPI)

**RESUMO:** O texto desenvolve uma reflexão sobre a hermenêutica e o trágico da ação a partir da filosofia de Paul Ricœur, articulando a interpretação dos textos com a compreensão da ação humana. O percurso interpretativo contempla a hermenêutica do texto ricœuriana, a presença do trágico na tragédia grega, sua manifestação na tradição judaico-cristã e, por fim, a hermenêutica do trágico da ação como fundamento ético. Tal abordagem destaca a importância da mediação interpretativa para compreender o trágico em distintos contextos culturais. Ricœur diferencia-se dos principais teóricos da hermenêutica ao ampliar o horizonte interpretativo. Enquanto eles enfatizam aspectos filológicos, históricos, existenciais ou linguísticos, Ricœur propõe uma hermenêutica plural e mediadora. Sua contribuição envolve a interpretação dos símbolos, o reconhecimento do conflito das interpretações e a articulação entre texto e ação. Nesse sentido, o trágico ultrapassa as heranças grega e judaico-cristã, assumindo relevância ética ao refigurar tensões próprias da ação humana.

**Palavras- chave:** hermenêutica; Paul Ricœur;  
tragédia; trágico.

---

<sup>1</sup> Doutorando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Pesquisador do Grupo de Estudo em Hermenêutica de Ricur (GEHR).

**RÉSUMÉ:** Le texte développe une réflexion sur l'herméneutique et le tragique de l'action à partir de la philosophie de Paul Ricœur, en articulant l'interprétation des textes à la compréhension de l'action humaine. Le parcours interprétatif comprend l'herméneutique du texte ricœurienne, la présence du tragique dans la tragédie grecque, sa manifestation dans la tradition judéo-chrétienne et, enfin, l'herméneutique du tragique de l'action comme fondement éthique. Cette approche souligne l'importance de la médiation interprétative pour comprendre le tragique dans différents contextes culturels. Ricœur se distingue des principaux théoriciens de l'herméneutique en élargissant l'horizon interprétatif. Tandis qu'ils mettent l'accent sur des aspects philologiques, historiques, existentiels ou linguistiques, Ricœur propose une herméneutique plurielle et médiatrice. Sa contribution implique l'interprétation des symboles, la reconnaissance du conflit des interprétations et l'articulation entre texte et action. Dans cette perspective, le tragique dépasse les héritages grec et judéo-chrétien, acquérant une pertinence éthique en reconfigurant les tensions propres à l'action humaine.

**Mots-clés:** herméneutique; Paul Ricœur; tragédie; tragique.

## INTRODUÇÃO

Esta reflexão, hermenêutica do trágico, consiste em uma passagem pela hermenêutica textual e hermenêutica da ação de Paul Ricœur (1913-2005). Tal questão implica numa mediação entre as seguintes temáticas: apresentação da hermenêutica do texto segundo Ricœur; consideração do trágico na tragédia grega; compreensão a tragédia judaico-cristã; e a exposição da hermenêutica do trágico da ação.

Ricœur, distinto, dos “quatro grandes teóricos”<sup>2</sup> da hermenêutica (Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer), desenvolveu outras

---

<sup>2</sup> Subtítulo da obra *Hermenêutica*, de Richard E. Palmer, 1997.

aberturas à hermenêutica. Richard E. Palmer apresenta-se uma breve síntese sobre a hermenêutica desses pensadores, esclarecendo as distinções entre eles.

Schleiermacher elabora uma “hermenêutica filológica[...] «hermenêutica geral» (*Allgemeine Hermeneutik*)”<sup>3</sup>; Dilthey destacou em sua hermenêutica preocupação direta com *Geisteswissenschaften* (ciências humanas ou ciências do espírito)<sup>4</sup>. Heidegger voltou-se para “*Geisteswissenschaften* mas antes à explicação fenomenológica da própria existência humana”<sup>5</sup>. Gadamer, em *Wahrheit und Methode* — 1960, “A hermenêutica é um encontro com o Ser através da linguagem”<sup>6</sup>.

Ricœur é o filósofo que eleva a hermenêutica a múltiplas perspectivas; com isso, estamos nos referindo a uma hermenêutica do símbolo (*De l'interprétation. Essai sur Sigmund Freud*, 1965); um conflito interpretativo entre distintas hermenêuticas (*Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique I*, 1969); uma mediação entre a hermenêutica do texto e a hermenêutica da ação (*Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*, 1986); uma relação hermenêutica acordando filosofia analítica e filosofia continental (*Soi-même comme un autre*, 1990).

Pretende-se, nesta reflexão, apresentar um percurso, o qual demanda a hermenêutica ricœuriana, a partir dos seguintes objetivos: demonstrar a relação da hermenêutica com o texto; explicitar, por meios interpretativos, que o trágico consiste tanto na cultura grega quanto na cultura judaico-cristã; por último, apontar o trágico da ação como pressuposto orientador do campo ético.

---

<sup>3</sup> Richard E. Palmer (p. 50, 1997).

<sup>4</sup> Richard E. Palmer (p. 50, 1997).

<sup>5</sup> Richard E. Palmer (p. 51, 1997).

<sup>6</sup> Richard E. Palmer (p. 52, 1997).

## 1. SOBRE A HERMENÊUTICA DO TEXTO

Ricœur entregou ao pensamento ocidental múltiplas hermenêuticas com possibilidades diversas, as quais o percurso passa: do texto à ação, do si ao outro, do sonho ao símbolo, da história à narrativa, da hermenêutica à analítica, da fenomenologia à hermenêutica, dos textos trágicos (tragédia grega) aos textos bíblicos (antigo e novo testamento).

Richard E. Palmer recupera um apontamento do filósofo francês o qual descreve a importância da exegese de texto para a hermenêutica. “Paul Ricœur em *De l’Imprévision* (1965) adota uma definição de hermenêutica que remonta a uma centração na exegese textual considerando-a o elemento distinto e central na hermenêutica”<sup>7</sup>. Verifica-se que em Ricœur há uma hermenêutica textual em sentido *lato* e provavelmente em sentido *stricto*. Para o filósofo, a investigação hermenêutica do texto escrito implica, necessariamente, apropriar-se de uma fundamental ferramenta, a exegese.

Richard E. Palmer descreveu que:

A hermenêutica é o processo de decifração que vai de um conteúdo e de um significado manifestos para um significado latente ou escondido. O objecto de interpretação, isto é, o texto no seu sentido mais lato, pode ser constituído pelos símbolos de um sonho ou mesmo por mitos e símbolos sociais ou literários<sup>8</sup>.

Dentre as múltiplas interpretações do filósofo francês, compreende-se uma forma peculiar da hermenêutica em Ricœur, a qual denomina-se aqui de hermenêutica de texto. É assim nomeada por causa do trabalho que tende a cumprir, esse modo de interpretação deve desempenhar uma atividade, ela se propõe desenvolver um exercício interpretativo. Ela (a

<sup>7</sup> Richard E. Palmer (p. 52, 1997).

<sup>8</sup> Richard E. Palmer (p. 52, 1997).

hermenêutica para texto) recebe essa denominação devido a formulação constitutiva de traços marcantes como: o objeto, a tarefa e o problema.

Por conseguinte, discorre-se acerca das três ocupações (objeto, tarefa e problema) constitutivas da hermenêutica textual.

O objeto da hermenêutica textual:

O terceiro conceito preparatório segue o mesmo sentido e dá um passo adiante: denomino-o o mundo do texto. Entendo com isso que o que deve finalmente ser compreendido num texto não é nem o autor e sua intenção presumida, nem mesmo a estrutura ou as estruturas imanentes ao texto, mas o tipo de mundo visado fora do texto como a *referência* do texto. Nesse aspecto, a alternativa da intenção ou da estrutura é inútil, pois a referência do texto — o que chamo de coisa do texto ou mundo do texto — não é nem uma nem outra. Intenção ou estrutura designam o sentido, o mundo do texto designa a referência do discurso, não o *que* é dito, mas *aquilo sobre o que* é dito. A coisa do texto, eis o objeto da hermenêutica. E a coisa do texto é o mundo que o texto exhibe diante de si<sup>9</sup>.

A hermenêutica ricœuriana tem seu objeto de estudo muito bem definido, a ‘coisa do texto’ nomeada por Gadamer, mas que Ricœur renomeou de ‘mundo do texto’. Aquilo que precisa ser estudado pela hermenêutica, deve ser acima de tudo, o mundo apresentado no e pelo texto. O mundo do texto remete ao conteúdo mais direto e específico, não para ser manipulado, preparado ou alterado, mas, para ser investigado, analisado e interpretado pela hermenêutica.

A tarefa da hermenêutica textual:

---

<sup>9</sup> Paul Ricœur (2011, p. 176).

A tarefa da hermenêutica, definida como a tarefa de apresentar à espécie de “mundo” projetado por um certo tipo de texto, encontraria sua realização nesse nível: na decifração das *experiências-limite* da vida humana (tanto das experiências extremas de criação e de alegria, como das experiências trágicas chamadas experiências-limite por Karl Jaspers: o sofrimento, a morte, a luta, a culpabilidade). Ao mesmo tempo, a tarefa de ligar a interpretação do texto e a interpretação da vida seria realizada pelo método de clarificação mútua das expressões-limite da linguagem religiosa e das expressões-limite da vida humana<sup>10</sup>.

Ricœur compreende que a hermenêutica deve dedicar seu trabalho, não apenas, direcionado para o texto; mas, quando se debruça no texto, especificamente, na ocupação de clarificação do mundo do texto. A tarefa da hermenêutica consiste, dentre muitas abordagens, na inevitável passagem de interpretação, condizendo, portanto, com a interpretação do texto e com a interpretação da vida. Se o primeiro ato implica na questão de interpretar o texto, o segundo ato sugere a interpretação da vida, e esta, ocorre por meio das expressões-limite da vida humana.

O problema central da hermenêutica textual:

Vamos admitir agora que o problema central da hermenêutica seja o da interpretação. Não a interpretação tomada num sentido indeterminado da palavra, mas a interpretação segundo duas determinações: a primeira referente ao seu campo de aplicação, a segunda à sua especificidade epistemológica. Quanto ao primeiro ponto, direi que existe um problema da interpretação porque existem textos, textos escritos, cuja autonomia cria dificuldades específicas. Entendo por autonomia a independência do texto em referência à intenção do

---

<sup>10</sup> Paul Ricœur (2006, p. 137-138).

autor, à situação da obra ou à relação com um leitor original. Esses problemas são resolvidos no discurso oral pelo tipo de troca ou de comunicação a que chamamos diálogo ou conversa<sup>11</sup>.

Ricœur entende que a interpretação é a problemática fundamental da hermenêutica. Essa questão implica duas situações: primeira ao campo de aplicação, segunda ao campo epistemológico. A abordagem aqui se restringe apenas a aplicação, que por sua vez, remete ao manuseio (leitura, transcrição, refiguração e interpretação) do texto escrito. É nesse ponto que Ricœur encontra a autonomia do texto, quando relacionada/problematizada com o autor, obra e leitor e são a partir desses problemas mediados com a conversa<sup>12</sup> que se pode alcançar uma resolução.

Assim, entende-se que essas são as ocupações (objeto, tarefa e problema) básicas da hermenêutica do texto em Ricœur, as quais são examinadas e encaminhadas para a composição de uma hermenêutica trágica. Seja na herança grega, seja na herança judaico-cristã, o trágico está presente: o momento trágico da vida humana consiste na ação. Sendo assim, vale a investigação do texto escrito sobre a tragédia e sua passagem para o trágico, ou seja, é imprescindível o percurso hermenêutico do texto à ação.

## 2. HERMENÊUTICA E TRÁGICO GREGO

Filósofos como Friedrich Hegel<sup>12</sup>, Friedrich Nietzsche<sup>13</sup> e Karl Jaspers<sup>14</sup> identificaram profundos ensinamentos e conhecimentos/saberes nos trágicos gregos. Segundo eles, a tragédia estava presente no sentimento e nas práticas cotidianas da vida. O trágico grego tinha suas implicações na vida humana,

---

<sup>11</sup> Paul Ricœur (2011, p. 69).

<sup>12</sup> *Phänomenologie des Geistes*, 1807.

<sup>13</sup> *Die Geburt der Tragödie aus dem Geiste der Musik*, 1872.

<sup>14</sup> *Von der Wahrheit*, 1947.

de tal modo que abarcava diversas possibilidades no âmbito da cultura grega, sejam educacionais e/ou jurídicas, sejam morais e/ou espirituais.

Paul Ricœur é também outro filósofo que dedica estudos e interpretações ao trágico grego.

*Sophocle aggrave encore le tragique de l'existence: l'homme y est livré à l'angoisse plus encore que chez Eschyle; les dieux y paraissent plus lointains; le drame se resserre autour de l'homme; plus jamais le tragique de l'être n'apparaît au-delà de celui de l'homme. Le tragique de la contradiction, dans Antigone, surgit au point où Eschyle voyait une issue hors du tragique; la cité sacrée se montre dans sa complétude, dans son mouvement de fermeture; face à elle, Antigone — qui n'est pas plus l'Individu animé par un droit absolu que Créon n'est le méchant tyran —, Antigone dresse une autre finitude, un autre dieu borné, où Nebel reconnaît les puissances féminines, chthoniques et infernales de L'Orestie et du Prométhée enchaîné. Mais la tragédie est plus que cela: le Prométhée enchaîné conduisait à un Prométhée délivré* (Ricœur, 1992, p. 135)<sup>15</sup>.

Ricœur compreende que o trágico na Grécia antiga era parte inerente à existência humana, e o que desperta a curiosidade investigativa do filósofo são as questões as quais, ao mesmo tempo, são filosóficas e são também abordadas nas peças teatrais da Grécia antiga. São implicações da vida humana discutidas e problematizadas já na tragédia grega, antes mesmo de tornarem-se objetos filosóficos ou de outras áreas da ciência moderna.

---

<sup>15</sup> “Sófocles ainda agrava o trágico da existência: o homem é entregue à angústia ainda mais do que em Ésquilo; os deuses aparecem mais distantes; o drama se fecha ainda mais em torno do homem; nunca mais o trágico do ser aparece além do trágico do homem. O trágico da contradição, em Antígona, surge no ponto em que Ésquilo via uma saída para o trágico; a cidade sagrada se mostra em sua completude, em seu movimento de fechamento, diante dela, Antígona — que não é mais o indivíduo animado por um direito absoluto do que Creonte é o tirano mau —, Antígona levanta uma outra finitude, um outro deus limitado, no qual Nebel reconhece os poderes femininos, ctônicos e infernais da *Oréstia* e do Prometeu acorrentado. Mas a tragédia é mais que isso: o *Prometeu acorrentado* conduzia a um *Prometeu libertado*” (tradução de Nicolás Nyimi Campanário, 1996).

Considerando que a filosofia, em algum período histórico, se apropriou do domínio das questões abordadas pela tragédia, as observações de Ricœur corroboram para uma distinção entre a filosofia e a não-filosofia. Sobre essa distinção, o filósofo disse que: *“il nous a paru approprié de faire entendre une autre voix que celle de la philosophie — même morale ou pratique — une des voix de la non-philosophie: celle de la tragédie grecque”*<sup>16</sup>. Desse modo, a tragédia se filia diretamente ao não filosófico; e, acerca dessa diferenciação, entende-se, basicamente, as capacidades da razão e o uso da racionalidade de um lado, e, de outro, as emoções e os sentimentos.

Para pontuar de maneira bem direta a tragédia grega, a partir de Ricœur, destacam-se duas características fundamentais, a saber: o ensino e a agonia humana.

Ricœur, assim como outros filósofos, também compreendeu que *“la tragédie enseigne”*<sup>17</sup>. O filósofo tem essa percepção em virtude das experiências às quais se viviam os gregos antigos.

*Si la tragédie d'Antigone peut encore nous enseigner, c'est parce que le contenu même du conflit — en dépit du caractère perdu et non répétable du fond mythique dont il émerge et de l'environnement festif qui entoure la célébration du spectacle — a conservé une permanence ineffaçable*<sup>18</sup>.

Os conflitos e as celebrações eram ensinamentos basilares para aquelas pessoas, ainda mais na sua formação como cidadãos.

---

<sup>16</sup> Paul Ricœur (1990, p. 281).

“pareceu-nos apropriado fazer ouvir outra voz que não a da filosofia — ainda que moral ou prática —, uma das vozes da não-filosofia: a da tragédia grega” (tradução de Ivone Benedetti, 2014, p. 277).

<sup>17</sup> Paul Ricœur (1990, p. 283).

“a tragédia ensina” (tradução de Ivone Benedetti, 2014, p. 279).

<sup>18</sup> Paul Ricœur (1990, p. 283).

“Se a tragédia de Antígona ainda pode nos ensinar é porque o próprio conteúdo do conflito — apesar do caráter perdido e não repetível do fundo mítico de que ele emerge e do ambiente festivo que cerca a celebração do espetáculo — conservou uma permanência indelével” (tradução de Ivone Benedetti, 2014, p. 279).

Ricœur corrobora a perspectiva da qual a tragédia grega alcança os limites humanos. “*La tragédie Antigone touche à la suite de Steiner, on peut appeler le fond agonistique de l'épreuve humaine, où s'affrontent interminablement l'homme et la femme, la vieillesse et la jeunesse, la société et l'individu, les vivants et les morts, les hommes et le divin*”.<sup>19</sup>. O filósofo francês interpreta o mundo da tragédia, as descrições dos tragediógrafos e o trágico da ação no seu sentido mais agonístico, isto é, noções como a falibilidade, a vulnerabilidade, a culpabilidade e o sofrimento, além da ideia de mal nas suas variações do pecado, culpa e morte.

Portanto, defende-se que questões humanas, como conflito, violência, angústia, agonia, drama, finitude e liberdade, são de origem grega; o trágico é inerente ao ser humano. São problemáticas que estão, intrinsecamente, nas pessoas e em suas vivências, em suas existências e, como diz o professor Francisco Fischer em *El tacto de sí como otro* (2021), nos corpos humanos constituídos de fundamentos éticos encarnados na hermenêutica de Ricœur.

### 3. HERMENÊUTICA E TRÁGICO JUDAICO-CRISTÃO

Nesta reflexão o objetivo é mostrar como Ricœur compreende a herança judaico-cristã, a existência trágica e, conseqüentemente, relação com a complexidade do trágico. Destaca-se no trágico judaico-cristão algumas características fundamentais que serão nesse momento expostas: Bíblia, Deus e Jesus.

Ricœur relaciona os textos judaico-cristão com os gregos, ele compreendeu que: “Gêneros literários como a epopeia, a tragédia, a poesia

<sup>19</sup> Paul Ricœur (1990, p. 283).

“A tragédia Antígona toca naquilo que, na esteira de Steiner, pode ser chamado de fundo agonístico da prova humana, em que se defrontam interminavelmente homem e mulher, velhice e juventude, sociedade e indivíduo, vivos e mortos, homens e deuses” (tradução de Ivone Benedetti, 2014, p. 279).

lírca e a história, que são representados na Grécia por obras e autores distintos, encontram-se agrupados em conjunto e enlaçados na Bíblia hebraica, um livro que é na realidade uma coleção de livros<sup>20</sup>. Ora, Ricœur não só entende uma certa forma de similaridade entre os autores gregos e hebreus, como também, interpreta a herança judaico-cristã cujo gêneros literários gregos estão presentes na bíblia.

Na nota de rodapé nº 3, em *Philosophie de la volonté II*, Ricœur descreveu o seguinte: “*Cela n’empêche pas qu’on puisse discerner dans la Bible des traces d’une conception «tragique» de la vie et des formes récessives de la «jalousie» du dieu tragique: la destruction de Babel, la condamnation de Caïn et même l’expulsion d’Adam et d’Ève du jardin d’Éden*”<sup>21</sup>. Ricœur chama a atenção para os escritos bíblicos, evidenciando neles traços e possíveis conexões com o trágico. Indo além, o filósofo elenca algumas passagens da Bíblia que se confundem terminantemente com as tragédias gregas, possibilitando ao mundo judaico-cristão o trágico da ação.

Ricœur pontua uma questão relevante que faz jus a observação e a análise, dizendo que: “*C’est pourquoi, s’il y a un tragique chrétien — nous y revenons avec Henri Gouhier et Karl Jaspers —, ce n’est pas un «pantragisme», un tragique de l’être, mais un tragique de l’existence ou plutôt dans l’existence, sur fond d’imago Dei*”<sup>22</sup>. O filósofo francês compreende a plausibilidade do trágico cristão, contudo, esse trágico tem uma especificidade, a existência. É na existência que a tragédia cristã mostra sua validade atuante, evidentemente, sob a perspectiva *d’imago Dei* (imagem de Deus).

---

<sup>20</sup> Paul Ricœur (2006 p. 256).

<sup>21</sup> “[246] Isso não impede que possamos discernir na Bíblia traços de uma concepção “trágica” da vida e das formas recessivas do “ciúme” do deus trágico: a destruição de Babel, a condenação de Caím, e mesmo a expulsão de Adão e Eva do jardim do Éden” (Tradução de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo, 2018).

<sup>22</sup> Paul Ricœur (1992, p. 120).

“Eis por que, se há um trágico cristão — retornamos a isso com Henri Gouhier e Karl Jaspers —, ele não é um “pantragismo”, um trágico do ser, mas um trágico da existência ou antes na existência, sobre o fundo *imago Dei*” (Tradução de Nicolás Campanário, 1996).

Não poderíamos dizer que a linguagem poética, tal como a das parábolas, provérbios e ditos proclamatórios, redescreve a realidade humana segundo a ‘qualificação’ trazida pelo símbolo ‘Reino de Deus’? Isso significaria que o referente último da linguagem parabólica (proverbial e proclamatória) é a experiência humana centrada em torno das *experiências-limite* que correspondem às *expressões-limite* do discurso religioso”<sup>23</sup>.

A “imagem de Deus” e o “reino de Deus” são símbolos poderosos do mundo judaico-cristão, tanto nas cerimônias ritualísticas quanto nas experiências cotidianas das pessoas. O Deus monoteísta presente no judaísmo/cristianismo e, conseqüentemente, descrito na Bíblia, leva os seus (devotos e fiéis) a condições extremas (experiências-limite e/ou expressões-limite) da vida humana. Em outras palavras, o Deus da herança judaico-cristã, nesse aspecto não distante da herança grega e nem dos deuses gregos, demonstra sua relação de proximidade com a tragédia e o trágico das pessoas. Deuses e Deus são símbolos do trágico.

*À la lecture de ce récit d'absence, les paraboles du maître absent, les scènes de harcèlement, de controverse, de rupture, font apparaître · après coup la vie de Jésus comme une «lente disparition». Et le Ressuscité ne se rencontre qu'en Galilée, au milieu des pauvres et des exclus, des petits et des oubliés*<sup>24</sup>.

O trágico especificamente cristão pode ser identificado em muitas passagens da Bíblia, em algumas abordagens das cartas paulinas, na escatologia apocalíptica de João e, sem sombra de dúvidas, nos evangelhos,

<sup>23</sup> Paul Ricœur (2006, p. 137).

<sup>24</sup> Paul Ricœur (1998, p. 12).

“À leitura desse relato de ausência, as parábolas do mestre ausente, as cenas de assédio, de controvérsia, de ruptura, fazem aparecer posteriormente a vida de Jesus como um “lento desaparecimento”. E o Ressuscitado só se encontra na Galileia, no meio dos pobres e dos excluídos, dos pequenos e dos esquecidos” (tradução nossa).

quando da retratação da vida de Jesus. Jesus de Nazaré, dentre vários atributos realçados pelos seus seguidores, encarna para si as formas de uma personagem verdadeiramente trágica, incrementada de todas as características que, na vida narrada, nos acontecimentos denunciados e nas ações relatadas, foram profundamente trágicas. A narrativa trágica de Jesus inicia com a perseguição já no seu nascimento, passa pela sua vida de peregrinação e alcança seu ápice com sua tortura e morte de cruz.

#### 4. HERMENÊUTICA E TRÁGICO DA AÇÃO

A intenção nesta reflexão é identificar e explorar a relação do trágico com a ação e compreender como ocorre a relação entre o trágico e a ética.

Inicia-se com o apontamento de Ricœur, que compreende a ação como tema fundamental da tragédia. “Sem dúvida, a tragédia tem por tema a ação”<sup>25</sup>. Pode-se dizer que a ação tem um sentido específico e definido. Mas ao que corresponde essa ação? Sobre qual sentido de ação o filósofo está se referindo? Não se demora nessas questões, percebe-se que a ação tem correspondência direta ao ético ou a ética. A ação tem sua equivalência na ética.

A reflexão agora é referente ao Estudo Nono de *Soi-même comme un autre* (1990)<sup>26</sup>, de Paul Ricœur. A tese defendida por Ricœur remete à ideia de que a ética pode ser orientada pelo trágico. “por que, como Hegel, escolhemos *Antígona* em vez de, por exemplo, *Édipo Rei* para guiar esta instrução insólita do ético pelo trágico”<sup>27</sup>. A proposta ricœuriana segue a ideia de encontrar o ético no trágico, de encontrar instruções éticas no trágico.

Ricœur, neste ponto, sobre a ética, não se resguarda em dizer: “Esta não poderia ser ocultada por aquilo que acaba de ser chamado de instrução

---

<sup>25</sup> Paul Ricœur (2014, p. 277).

<sup>26</sup> *O Si-mesmo como um Outro* (tradução de Ivone C. Benedetti, 2014).

<sup>27</sup> Paul Ricœur (2014, p. 277).

pelo trágico”<sup>28</sup>. O filósofo francês entende que há algo de ético no trágico, e não o contrário, de modo que a condição posta pelo filósofo é a de que o ético consiga receber instruções ocasionadas pelo trágico. Nesse momento, nada há de absurdo, tendo em vista que, no período áureo da tragédia grega, era assim que se agia. Vide a referência utilizada por Ricœur, *Antígona*.

Segue-se, nessa abordagem, cara a Ricœur, a instrução da ética pelo trágico. “A instrução da ética pelo trágico acaso se limita à admissão, em forma de constatação, do caráter intratável, não negociável, desses conflitos?”<sup>29</sup>. Vê-se que aqui já se pode elencar e descrever algumas características de como a ética pode ser instruída pelo trágico: a forma de constatação (do terrível ou do abominável) que se encontra numa ação trágica e o caráter intratável, que remete à atitude de rispidez ou de grosseria que pode ter uma pessoa.

O filósofo ainda chama atenção para: “Uma característica que deve ser lembrada com brevidade, mas firmeza, é que o trágico resiste à ‘repetição’ integral no discurso da ética e da moral, para que a filosofia não seja tentada a tratar a tragédia como uma jazida por explorar”<sup>30</sup>. O trágico não se rende ao discurso ético-moral, ou seja, não é apenas por meio do domínio do bem, do bom, do justo ou das virtudes (sabedoria, coragem, justiça e temperança) que se alcança a compreensão da ação, deve-se fazer presente o trágico.

Ora, se, no momento extremo da vida humana, ter domínio das virtudes não é suficiente, o que falta é a compreensão do trágico. Em outros termos, pode-se dizer que, nos momentos-limite da vida humana, para se alcançar uma boa deliberação, exige-se a sabedoria trágica. “*C’est pourquoi, si le tragique peut s’adresser indirectement à notre pouvoir de délibérer, c’est dans la mesure où la catharsis s’est adressée directement aux passions qu’elle*

---

<sup>28</sup> Paul Ricœur (2014, p. 277).

<sup>29</sup> Paul Ricœur (2014, p. 280).

<sup>30</sup> Paul Ricœur (2014, p. 277).

*ne se borne pas à susciter, mais qu'elle est destinée à purifier*<sup>31</sup>. Deliberar implica em uma característica fundamental do trágico. Não se entende que uma deliberação boa possa ocorrer de modo significativo se não apresenta o mínimo de sentido de uma interpretação trágica.

A última característica da tragédia que não pode ser esquecida é a da purificação. É uma característica da tragédia dos gregos, mas também está presente no trágico da ação e, se para os gregos o sentido era a limpeza da alma ou a expurgação dos maus acontecimentos, para o ético orientado pelo trágico o sentido remete ao momento de sabedoria reflexiva. Purificação consiste no momento de reflexão ética após uma ação deliberativa boa. A purificação é o resultado de uma deliberação a qual envolve diretamente o si e o outro sob as condições do conflito e das escolhas morais.

Por que o ético deve ser buscado no trágico da ação, há ética nos momentos trágicos da vida? *“Le tragique, au stade que notre investigation a atteint, n'est pas à chercher seulement à l'aurore de la vie éthique, mais au contraire au stade avancé de la moralité, dans les conflits qui se dressent sur le chemin conduisant de la règle au jugement moral en situation”*<sup>32</sup>. Não é na vida ética que se encontra o trágico, ou na completude do viver nas virtudes do *ethos*, que se busca a tragédia existencial, mas são nas deliberações da moralidade (o juízo moral de decisão, às quais são destinados como espaços certos dos conflitos) que o trágico se consolida.

Portanto, destaca-se como questão central da relação interpretativa da tragédia com a ética a aproximação que o trágico da ação desenvolve com a moralidade. Isso ocorre devido à capacidade que esta tem de deliberar.

---

<sup>31</sup> Paul Ricœur (1990, p. 282).

“Por isso, se o trágico pode dirigir-se indiretamente a nosso poder de deliberar, é porque a catarse se dirigiu diretamente às paixões que ela não se limita a suscitar, mas está destinada a purificar” (tradução de Ivone C. Benedetti, 2014, p. 279).

<sup>32</sup> Paul Ricœur (2014, p. 290).

“O trágico, ao estágio atingido por nossa investigação, não deve ser buscado na aurora da vida ética, mas, ao contrário, no estágio avançado da moralidade, nos conflitos que se erguem no caminho, conduzindo da regra ao juízo moral em situação” (tradução de Ivone C. Benedetti, 2014, p. 286).

Em suma, a proposta desencadeada por Ricœur segue a ideia de que o ético deve ser orientado pelo trágico<sup>33</sup>, pois este se firma em algumas características próprias, como: ações conflitivas que ultrapassam o âmbito da racionalidade, deliberações consistentes aos juízos de moralidade e purificações de si mesmo e do outro. [Conflito, deliberação e purificação]<sup>34</sup>.

## CONCLUSÃO

Esta meditação explicitou uma parte do pensamento hermenêutico de Ricœur, destacando os pontos fundamentais os quais são abordados em perspectiva reflexiva e interpretativa; foram considerados os seguintes tópicos: 2. *Sobre a hermenêutica do texto*; 3. *Hermenêutica e o trágico grego*; 4. *Hermenêutica e o trágico judaico-cristão*; 5. *Hermenêutica e o trágico da ação*.

Nestes pontos, são acentuadas questões as quais constituem um percurso que se inicia com o texto, passando pelas tradições grega e judaico-cristã e chegando no trágico da ação; toda essa trajetória implica a formulação de uma *Hermenêutica do trágico*.

O texto examinou a relação entre hermenêutica e a ação trágica a partir do pensamento de ricœuriano, sobretudo em *Soi-même comme un autre* (1990). Partiu-se da ideia de que a tragédia tem como tema central

---

<sup>33</sup> "C'est sur ce second point, plus encore que sur le premier, que pourra se greffer la sagesse tragique capable d'orienter une sagesse pratique" (Ricœur, 1990, p. 284).

"E nesse segundo ponto, mais ainda do que no primeiro, que poderá inserir-se a sabedoria trágica capaz de orientar uma sabedoria prática" (tradução de Ivone C. Benedetti, 2014, p. 280).

<sup>34</sup> "Tels sont les traits qui marquent le caractère non philosophique de la tragédie: puissances mythiques adverses doublant les conflits identifiables de rôles; mélange inanalysable de contraintes destinales et de choix délibérés; effet purgatif exercé par le spectacle lui-même au cœur des passions que celui-ci engendre" (Ricœur, 1990, p. 283).

"Essas são as características que marcam o caráter não filosófico da tragédia: potências míticas contrárias replicando os conflitos identificáveis entre os papéis; mistura indecomponível de coerções ditadas pelo destino e de escolhas deliberadas; feito purificador exercido pelo próprio espetáculo no âmago das paixões que este engendra" (Ricœur, 2014, p. 279).

a ação, a qual possui correspondência direta com a ética. Demonstrou-se que Ricœur sustenta uma ética que pode ser orientada pelo trágico, uma vez que ela (a tragédia) revela conflitos morais intratáveis a qual não se resolvem apenas pela aplicação de regras ou virtudes.

Desse modo, o trágico resiste ao discurso moral tradicional e exige uma sabedoria própria para a deliberação em situações-limite. Assim sendo, a ética, quando orientada pelo trágico da ação, se fortalece ao incorporar conflito, julgamento moral e purificação reflexiva do si mesmo e do outro.

Por fim, a hermenêutica do trágico da ação apresentada aqui segue dois pontos fundamentais: primeiro, o movimento de descrição da hermenêutica do trágico da ação, a qual estar presentes nas distintas culturas, grega e judaico-cristã; segundo, são apresentados os aspectos centrais para a formação e fundamentação da hermenêutica do trágico da ação. Com as características apresentadas sobre uma hermenêutica do trágico, tem-se a tentativa de pretender uma interpretação a qual se debruce na investigação dos problemas da compreensão e explicação das ações trágicas, ou seja, tais ações possam, de alguma maneira, possibilitar orientações às questões éticas da vida humana.

## REFERÊNCIAS

- DÍEZ FISCHER, Francisco. *El tacto de sí como otro: fundamentos perceptivos de una ética encarnada en la hermenéutica de Paul Ricœur*. Pensando — Revista de Filosofia, Tersina/PI, v. 12, n. 26, 2021.
- PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1999.
- RICŒUR, Paul. *A ideologia e a utopia*. Trad. Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins — 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- RICŒUR, Paul. *A hermenêutica bíblica*. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

- RICŒUR, Paul. *A simbólica do mal*. Tradução de Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2018.
- RICŒUR, Paul. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- RICŒUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II*. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés, 1989.
- RICŒUR, Paul. *Escritos e Conferências 2: hermenêutica*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- RICŒUR, Paul. *La souffrance n'est pas la douleur*. *Revue de psychiatrie française*, n. spécial 23, p. 9-18, 1992a. IIA506. Fonds Ricœur.
- RICŒUR, Paul. *Lectures 3: aux frontières de la philosophie*. Paris: Éditions du Seuil, 1992b.
- RICŒUR, Paul. *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- RICŒUR, Paul. Préface. In: SIMON, Louis. «Mon» *Jésus: méditations sur des textes de l'Évangile*. Paris: Les Bergers et les Mages, 1998. p. 9-14.
- RICŒUR, Paul. *Philosophie de la volonté II: finitude et culpabilité — la symbolique du mal*. Paris: Aubier Éditions Montaigne, 1960.
- RICŒUR, Paul. *Temps et récit. Tome 1: l'intrigue et le récit historique*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa 1. A intriga e a narrativa histórica*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. v. 1.
- RICŒUR, Paul. *Vivo até à Morte seguido de fragmentos*. Trad. Hugo Barros e Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2011.